SEVEN
publicações acadêmicas

SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL: UM ESTUDO SOBRE A COMUNIDADE INDÍGENA DA T. I. MERURI EM GENERAL CARNEIRO - MT

https://doi.org/10.56238/sevened2025.001-041

Isadora Marques Cibaerago
Graduada em Geografia pela UFR
E-mail: isadoracibaerado@gmail.com

Silvio Moises Negri
Professor titular do curso de Geografia da UFR
E-mail: Silvio.negri@ufr.edu.br

Aires José Pereira
Professor Associado II do curso de Geografia e do PPGTA da UFR
E-mail: aires@ufr.edu.br
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-7707-1187

George André Silva Ribeiro
Graduado em Letras pela UFMT, mestrando em Educação pela UFR, professor na rede estadual de ensino de Mato Grosso
E-mail: george@georgeribeiro.com.br

RESUMO
O presente trabalho traz uma reflexão acerca da sustentabilidade, partindo da exploração dos recursos naturais, trata sobre a sustentabilidade como uma meta a ser buscada. Traz duas dimensões da sustentabilidade ambiental: reflete a preservação coletiva que está atrelado a área de educação, pois realiza uma inter-relação entre o social e o natural; e a sustentabilidade e sua dimensão econômica, trata da finitude dos recursos naturais, associado a condições de sobrevivência das futuras gerações. As questões relacionadas à sustentabilidade é algo preocupante, pelo fato da ameaça dos recursos naturais em consequência da ação do homem. O trabalho analisa, através do estudo de caso, como os recursos naturais conseguem se manter, não se esgotando facilmente, se o homem tiver o cuidado com ações que cuidem do meio ambiente. Fala do racionamento de água, de energia elétrica e do uso irracional e excessivo que as pessoas praticam. A partir de então, a pesquisa se dirige à comunidade indígena Boe da Aldeia Meruri, afim de verificar como andam as questões ambientais que permeiam esta comunidade. Utilizei de entrevistas, duas anciãs que apontam possíveis ações que vão de encontro com o embasamento teórico apontado pela literatura.

Palavras-chave: Boe (Bororo). Sustentabilidade. Aldeia indígena. Meio ambiente.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tende a refletir a questão da sustentabilidade, como um conceito levantado devido a questões climáticas, e também para trazer a realidade local do Território Indígena Meruri, entrevistas concedidas a respeito da questão climática e de água, com *AroeEtuje*, chamamos de mãe de almas.

Os objetivos do presente trabalho, é levantar os conceitos de sustentabilidade apontados em artigos, elencar as dimensões de sustentabilidade ambiental. Trazer a fala das *AroeEtuje*, mãe das almas, também fala de membros dacomunidade de Meruri, para apontar um caminho a ser percorrido, para alcançar a sustentabilidade do meio ambiente, outrossim, a partir da relação do povo Boe de Meruri com a natureza. Como hipótese temos a reciprocidade, que é um valor crucial a cultura Boe, que está intimamente ligado com o meio ambiente, haja visto que a partir da cosmovisão, ambos comungam do mesmo plano de parentesco. A problemática vem através da relação da sociedade envolvente com a sociedade Boe, haja visto que traz consigo uma bagagem de imaterial, mas também material como o lixo, que a partir da integração se torna um empecilho muito difícil de se resolver, como a destinação ou reciclagem. Outrem a questão da Rodovia BR 070, que corta o Território Indígena Meruri praticamente ao meio, e deixa no curso de seuasfalto rastros do homem branco, como os lixos descartados na natureza e também os incêndios provocados a partir da rodovia.

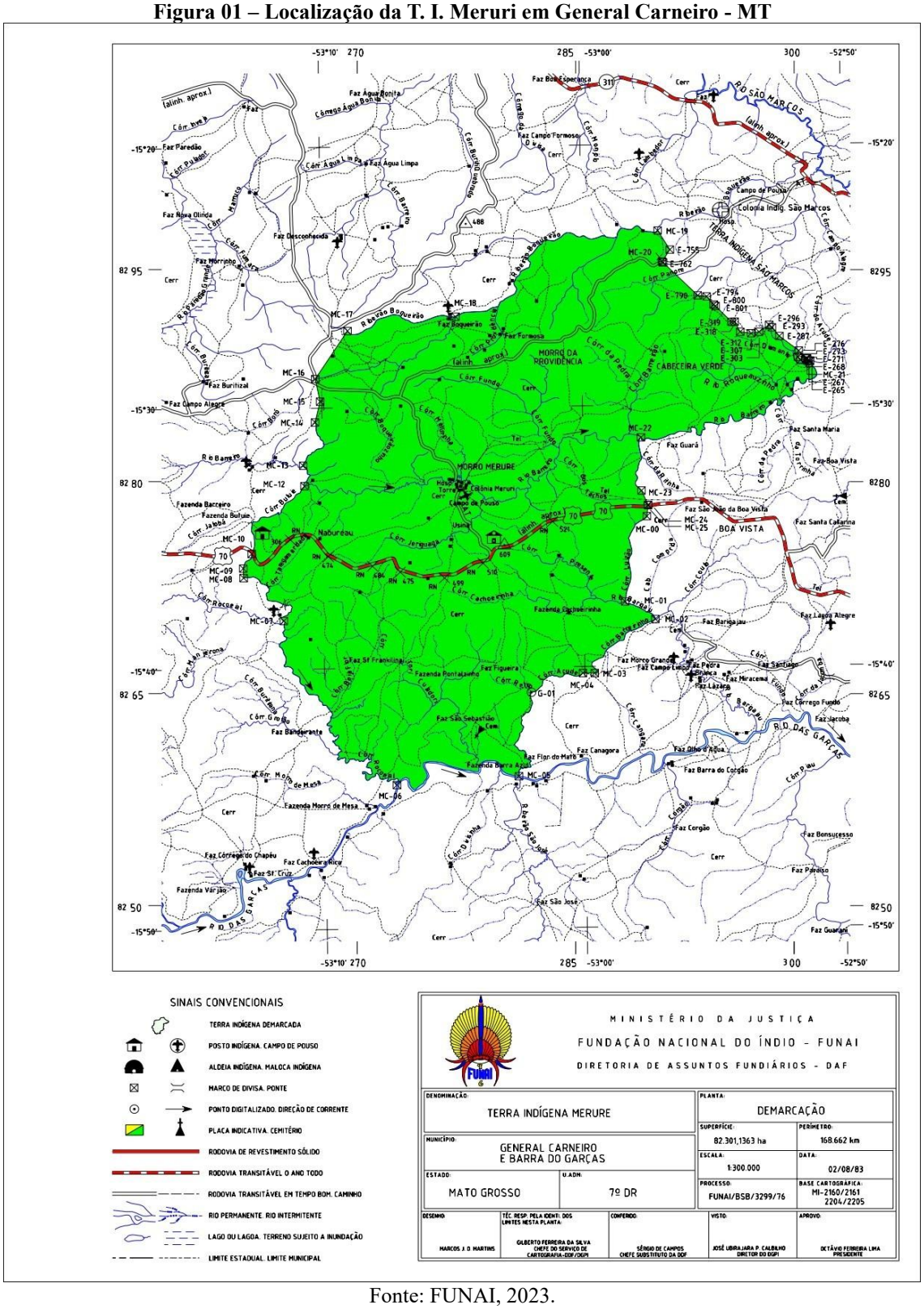
2 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

Assim diz Gallois(2005, p.40), “elaborar também estratégias territoriais”, isto nos remete ao processo ocorrido quando os nossos ancestrais se instalaram na região de General Carneiro e se encontraram com os Missionários Salesianos no ano de 1902. Já no ano de 1927, devido à escassez de recursos naturais, chegarama Meruri (Morro das Arraias), lugar com águas abundantes porque banhado pelo rio Barreiro. A aldeia de ToriPo (Tachos) foi transferida para Meruri, onde estão até hoje.

A “apropriação do espaço como organização sociopolítica” citada por Gallois (2005, p.38), aplica-se à organização social bororo, ditada pelos heróis míticos Itubore e Bakororo, que ao morrerem fundaram uma estrutura sociopolítica conforme a orientação do espaço geográfico, segundo o nascer e o pôr-do-sol, sendo Itubore do nascer do sol (Leste) e Bakororoo pôr-do-sol (Oeste). Dividiram em duas metades exogâmicas, Ecerae no lado (Norte) e Tugarege no lado (Sul), cada metade possui quatro clãs, estes clãs possuem os totens, animais ou espíritos da primazia de cada clã, formando a cosmologia das aldeias. A metade dos Ecerae é composta pelos Baadojeba (clã dos construtores de casa), Kie (clã das antas), Bokodori (clã dos tatus canastra) e Bakoro (clã do Espírito Bakoro). A metade Tugarege é composta pelos Paiwoe (clã dos bugios), Apiborege (clã das Palmeiras), Iwagudu (clã das gralhas) e Aroroe (clã das larvas).

Os projetos sociais desenvolvidos pelo povo Boe raramente possui incentivo dos poderes municipais, isto porque o Território Meruri, é dividido pelo rio Barreiro (Kujibo na língua Boe), do lado Norte pertence a comarca de Barra do Garças, do lado Sul da margem do rio pertence a comarca de General Carneiro. Entretanto, o apoio não chega de nenhum dos dois municípios, faltam políticas públicas para ajudar o povo trabalhar, desenvolver modos de subsistência, a partir dos recursos do ICMS Ecológico, que há tempos os municípios recebem para apoiar as sociedades que possuem florestas de preservação dentro da Terra Indígena.

Figura 01 – Localização da T. I. Meruri em General Carneiro - MT



Fonte: FUNAI, 2023.

O desenvolvimento se dá a partir de suas próprias organizações, como a Comissão de Lideranças e Caciques, que através da esfera estadual, a Casa Civil, Repartição de Assuntos Indígenas e de seu superintendente angaria, junto ao SEAF - Secretaria de Agricultura Familiar, apoio para o desenvolvimento das comunidades indígenas da Terra Indígena Meruri (Figura 01).

2.1 DIMENSÕES DA SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL

Existem várias dimensões da sustentabilidade com intuito de melhor estudar e compreende-la em diversas áreas. Em sua pesquisa, Lanquito (2018) aborda dez dimensões da sustentabilidade das quais duas serão apresentados de forma sucinta nesse tópico.

Na dimensão ambiental, a sustentabilidade busca a preservação do ambiente de forma coletiva, por medidas de preservação dos recursos naturais, limitação do consumo ou ambientalmente prejudiciais. Jacobi (2003) enfatiza o engajamento na área da educação sobre a inter-relação do meio natural com o social, aumentando o poder das ações alternativas que contemple um meio de desenvolvimento voltado para a sustentabilidade socioambiental.

Alguns autores enfatizam a criação de regras e políticas para assegurar o comprometimento com elas, criando uma proteção ambiental com redução da quantidade de resíduos, conservação, reciclagem de energia e utilização de tecnologias limpas (SACHS,1993; MENDES,2017).

Outros autores como Freitas (2012) e Schramm et al (2015), abordam a questão da necessidade de se ver o direito da geração atual, sem prejuízo das futuras. E Boff (2012, p.47) complementa dizendo que a "existência da espécie humana depende do cuidado e preservação do meio ambiente".

A dimensão econômica também estuda a finitude dos recursos naturais, e busca a preservação do meio ambiente, garantindo, assim, as condições para sobrevivência das gerações atuais e futuras. Alguns autores abordam que essa dimensão busca o equilíbrio no meio de produção de bens e serviços com a distribuição de riqueza, o que fomenta um novo modo de economia que tenha um planejamento a longo prazo, com um sistema competente de incentivos eficientes e norteadores. Desse modo a economia poderá andar de mãos dadas com a sustentabilidade.

Sustentabilidade e economia podem andar juntas, desde que haja compromisso político político, social, cultural e ambiental por parte do Estado, bem como, da sociedade como um todo. A ciência deve estar trabalhando suas pesquisas nessa direção.

2.2 A IMPORTÂNCIA DA SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL

O termo desenvolvimento sustentável é apresentado na conferência mundial do meio ambiente de 1972 em Estocolmo (FIORILLO, 2013). Em 1987 nos é apresentado o conceito sobre o desenvolvimento sustentável pela Comissão Mundial do Meio Ambiente e Desenvolvimento, onde surgiu o Relatório de Brundtland, também denominado "Nosso Futuro Comum" (SCHRAMM; CORBETTA, 2015).

Na pesquisa de Ianquito (2018), demonstra que as terminologias "desenvolvimento sustentável" e "sustentabilidade" não são sinônimos e, portanto, não são discutidos com o mesmo sentido porque o desenvolvimento sustentável é o objetivo a ser atingido e sustentabilidade é o processo. (IANQUINTO, 2018 Apud SARTORI; LATRÔNICO; CAMPOS, 2012).

As palavras “desenvolvimento” e “sustentável” são consideradas antagônicas segundo alguns autores. Para BOFF (2012), a palavra desenvolvimento é linear, devendo ser crescente, supondo a exploração da natureza, gerando profundas desigualdades e na categoria sustentabilidade, ao contrário, provém do âmbito da biologia e da ecologia, cuja lógica é circular e includente.

A sustentabilidade é uma preocupação crescente, uma vez que os recursos naturais estão cada vez mais ameaçados em consequência da ação humana. São cada vez mais evidentes os impactos negativos que o homem provoca na natureza. A poluição, a destruição de habitats, o acúmulo de resíduos sólidos e a diminuição rápida da biodiversidade são apenas alguns dos exemplos dos problemas ambientais gerados pela ação do homem na atualidade. Uma das palavras mais utilizadas atualmente para falar de meio ambiente e dos impactos negativos causados pelo homem é sustentabilidade, termo que possui os mais variados significados. Em Biologia, por exemplo, relaciona-se com a capacidade dos ecossistemas de recuperarem-se das agressões do homem e até mesmo do próprio meio ambiente. A sustentabilidade também pode ser usada em conjunto com a palavra desenvolvimento e, nesse caso, referir-se às maneiras de evitar o esgotamento dos nossos recursos naturais e conseguir atender as necessidades da população atual. De uma maneira geral, podemos falar que a sustentabilidade é a capacidade de manter-se. Quando utilizamos os recursos naturais de maneira sustentável, por exemplo, eles conseguem manter-se por vários anos, não se esgotando facilmente. Percebemos, portanto, que um desenvolvimento sustentável é aquele que não provoca a escassez ou esgotamento de recursos e permite que estes atendam às necessidades das futuras gerações e as nossas.

É importante discutir a sustentabilidade e o desenvolvimento sustentável porque a cada dia mais os problemas ambientais estão afetando a qualidade de vida do homem. É comum, por exemplo, vermos nos jornais e em sites na internet a falta de água e o racionamento de energia em vários locais do Brasil. Isso não é consequência apenas de má administração, ocorrendo também em razão do uso irracional e excessivo daquilo que nos é oferecido pela natureza.

O desenvolvimento sustentável necessita de planejamento e da participação de todas as esferas da população. É necessário analisar cuidadosamente o quanto já gastamos dos recursos e quanto ainda nos resta. Devemos também compreender que os recursos naturais podem acabar e seu uso consciente é fundamental para não comprometer a vida das futuras gerações.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Como resultado da pesquisa realizada, obtive informações sobre os principais problemas ambientais na aldeia indígena Meruri, a situação atual e o que está sendo e o que foi feito para melhorar. Informações importantes sobre a questão de abastecimento de água na aldeia e sobre o controle das queimadas e preservação de rios e matas através de entrevistas com *mugamage* (Mães) da aldeia.

Kurireudo (2022) diz: "... é o que eu mais falei, de fogo e as grandes lavouras ao redor da aldeia... a gente preocupa muito, com o desmate, com as grandes lavouras de soja..." o fogo tem intenso peso no que se refere a agressão com a natureza, pois perto da aldeia tem os Xavante que têm práticas de caça com o fogo. Geralmente esse tipo de fogo não se tem o controle, ele avança para todos os lados chegando na aldeia, depois de queimar nossa vegetação.

Sobre as lavouras tem se percebido a diminuição de água, e a preocupação com o contágio da água, por meio de agrotóxico derramados nos rios que passam em nossa aldeia, com isto a gente não tem o controle da qualidade da água.

Kurireudo (2022) fala que: "...é por causa da demarcação ... outros lugares foram invadidos..." aqui Leonida fala da situação territorial, se tratando da Reserva Meruri, apesar de delimitar o espaço territorial, por outro lado, deu-se uma estabilidade por conta da demarcação da Reserva Indígena. Contudo, tem casos de aldeias indígenas Bororo, em outros lugares passaram por invasão territorial, havendo conflitos.

Kurireudo (2022) diz que "antigamente tinha muito tanque, tinha muita água, ... agora está difícil, tem que esperar enchente ..." aqui *muga* Leonida fala dascondições de recursos naturais que eram mais abundantes. Em Meruri tinha água e vegetação em abundância, contudo, tem diminuído com o passar do tempo, o quefaz se repensar a ação do homem com relação à natureza, inclusive por parte de quem não fica no mato. A relação de quem mora na natureza é crucial, pois o contato é direto, pequenas ações de conscientização ambiental já é de extrema importância de reparação com a natureza.

Kurireudo (2022) fala sobre a caça "... alguns bichos sumiram, como osbichos menores, tatu, mixila, bandeira... impossível nós comer anta, comer capivara, porque nós não temos mais *bari* para benzer as carnes, como são esses bichos os únicos que andam bastante por aí, não tem mais caça que faz parte da nossa dieta tradicional, ficamos sem comer". Leonida trata neste depoimento, da escassez de caça hoje em dia, o desaparecimento de animais de pequeno porte é sentido portodos da nossa comunidade, pois, na cultura da sociedade Boe, tratando de alimentação, nem todos os animais são comestíveis, estes animais que não são comestíveis, pertencem a classe dos que são do *Bope* (ser espiritual ruim), por conta disto estes são em maior quantidade, porque não se come na ausência do Bari

Urugureudo (2022) fala sobre a gravidade dos problemas relacionados à água"... a água? Tá faltando água, tá faltando água no rio, o rio está secando, a cabeceira está secando, está faltando água na aldeia...está secando a água", com isto se entende que há uma diferença enorme na quantidade de água na Reserva Indígena para os dias de hoje, percebe-se que diminuiu bastante, pois desde o rio até as cabeceiras que são nascentes de águas tem se notado esta diminuição. Nesse sentido é necessário

entender que deve haver uma ação, pois ele encerra com uma expressão forte e grave: “está secando a água”.

Urugureudo (2022) diz: “pensa bem gente! Agora quase no final do mês de outubro, que começou a chover, aí agora vai saber quando ela vai parar, o próprio tempo, ela também está mudando” nota-se com esta fala, que o tempo de chuvaestá mudando, pois na sociedade Bororo há dois tempos um chamado de *JoruButu*(tempo de seca) e *ButaoButu* (tempo de chuva). Na fala da muga, este tempo queantes seguia os períodos à risca, hoje está mudando, devido ao clima geral, o climageral influencia nestes dois tempos, devido ações do homem.Urugureudo (2022) diz que “a própria natureza está cansando de ser maltratada, da falta de respeito com ela, de ser ameaçada, de ser atacada, então aprópria natureza está dando volta em nós” aqui ela faz uma reflexão sobre a natureza, pois a natureza está fraca, pois não se tem respeito, pois todos os lixossão jogados na natureza, direta ou indiretamente, ela se sente ameaçada, com as espécies que estão ameaçadas de extinção, com isso ela dá um retorno não agradável, são as catástrofes naturais que ocorrem por conta do próprio homem.

Urugureudo (2022) comenta que a natureza “quer respeito de nós sereshumanos, não é só nós Boe Bororo, mas do mundo inteiro, aí ela começa a fazer tudo isso para nós.” Nesta outra parte da reflexão de muga Pedrosa fala da necessidade de respeito para com a natureza, não apenas de nós aqui que não nos excluímos da natureza, mas de todas as pessoas que a agridem direta ou indiretamente, pois todos os lixos são jogados na natureza, precisa-se repensar a relação com a natureza.

Figura 02- Foto Panorâmica da T.I. Meruri em General Carneiro - MT

Fonte: OLIVEIRA, Arthur Ângelo Bispo de. (30/09/2023).

A Aldeia Meruri, teve sua rede de abastecimento de água erguida através dos Salesianos e do povo Boe Bororo, a rede atende o formato retangular (Figura 02).

Os resultados ficaram evidentes nas falas de nossas anciãs para que pudéssemos certificar da necessidade de melhorias para o desenvolvimento sustentável de nosso território.

Urugureudo (2022) disse que “aqui tinha um rio com muita água, tinha muito peixe, o mato aqui tinha muito bicho, naquela época vivíamos mais era de peixe, ... hoje já não tem mais nada.” É necessário que se construa políticas públicas de preservação e revigoração das nascentes e plantar árvores onde os rios foram assoreados antes de chegar na nossa T. I., para que tenhamos nossa água de volta.

Figura 03 – Área de Nascenteda T.I. Meruri em General Carneiro - MT.

Fonte: Pesquisa de Campo realizada em 2023.

Urugureudo (2022) reivindica a conservação da forma de viver indígena dizendo que “nós aprendeu a viver assim e é assim que nós vamos viver, porque não é nós que queremos assim. Nossa aldeia ficou poluída; hoje precisamos de banheiro; dos mosquitos vem as doenças.”

Kurireudo (2022) falada necessidade de “começar a plantar buriti para fazer poço tem que procurar muito fundo para que as águas dos rios, das cabeceiras, das nascentes e dos lagos. Os lugares

onde têm buriti são os lugares que hoje tem água. Assim, acreditamos que onde tem pés de buritis tem águas, onde plantar buriti teremos água.

Figura 04 - Ponto de descarte de lixo mais próximo da T.I. Meruri emGeneral Carneiro - MT.

Fonte: Pesquisa de Campo realizada em 2023.

A água é fonte de vida não só do meio natural como o meio social, pois a existência de uma sociedade do povo Boe, está associado a existência deste bem finito, pois a água tende a deixar de existir caso a ação humana não se conscientize,pois não depende de uma sociedade que mora num território como o de Meruri, pois a Aldeia Meruri, é cortada ao meio pela BR 070, o qual é entrada de ação humana como queimada, que vai enfraquecendo as cabeceiras, contudo o cuidado do povo Boe não deixa a desejar como a figura 03 mostra uma cabeceira preservada.

Kurireudo (2022) aconselha: “a gente vai ter que cuidar para não desmatar, para não perder as cabeceiras, as coisas, por causa que a gente não está diminuindo, a gente está aumentando...aí a gente tem que preservar.” Apreocupação de *muga* Pedrosa é a mesma da nossa comunidade, isto é, nãodesmatar, para não perder os recursos naturais e hídricos que temos ao nosso alcance, pois olhar no futuro seremos mais demograficamente, isto é uma responsabilidade dos que aqui estão no presente. Precisamos buscar por recursos naturais e hídricos que vão muito além vão do plantio de buriti.

Figura 05–Segundo Ponto de descarte de lixo mais próximo da T.I. Meruri em General Carneiro - MT

Fonte: : Pesquisa de Campo realizada em 2023.

É necessário tambéma conscientização coletiva para todas as questões mencionadas. Com a preservação da natureza só teremos retorno positivo da natureza, pois teremos vida mais saudável, ar puro para respirar, também o aumento da caça e da pesca e de tantas coisas mais.

Kurireudo (2022) diz ainda que "é uma vantagem vocês aprenderem, e depoispassar para os filhos. Assim vai passando de geração para geração... se a gente não ajudar, não ensinar, aí vai acabar, a cultura do Boe Bororo" Muga Pedrosa faz aqui uma reflexão importante acerca das necessidades do homem para a preservação do meio ambiente, pois só assim nosso planeta terá futuro.

Existe um ponto de descarte de lixo mais próximo da aldeia, cerca de quinhentos metros de distância. Na aldeia não existe saneamento e coleta de lixo, assim fica por conta e consciência de cada um juntar e descartar o lixo nos pontos que tempróximos a aldeia. Muitas vezes tem a coleta de lixo comunitária, onde se faz um mutirão para limpeza da aldeia, o que acontece geralmente após alguma festa ou torneio na aldeia queacaba deixando muito lixo espalhado, assim é feito o mutirão com os jovens, oferecendo almoço para todos envolvidos. Quando a coleta de lixo é comunitária o local de descarte desse lixo é em outro local (Figura 04), local um pouco mais distante da aldeia, porém quando é mutirão o trator da comunidade é utilizado para ajudar levando o lixo um pouco mais distante da aldeia.

Prosseguindo, o lixo é um elemento que afeta a paisagem do meio ambiente, pois antigamente o povo Boe de Meruri tinha apenas o seu lixo natural que inclusive servia de adubo para plantações e vegetais comuns ao bioma cerrado. Contudo, com o contato com o baraedo (homembranco) que é

direto e indireto, criou-se o hábito de trazer lixo de fora, através de embalagens, aparelhos domésticos, móveis entre outros. A questão problemática ficou na destinação deste material que a gente chama de *braegigudu* (restos de homem branco). Não se tem apoio de Prefeitura Municipal de General Carneiro para uma destinação adequada para o descarte. Ou ainda criar um processo de reciclagem para poder não desperdiçar estes materiais. Este lixo vai com o tempo poluindo o meio ambiente, sem contar que causa inúmeras doenças , como vimos na figura 05.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tomamos como conclusão após a pesquisa com as anciãs de nossa comunidade Boe Bororo da Aldeia Meruri, que temos uma ação a ser desenvolvida afim de que se perpetue os recursos naturais para futuras gerações. Seguindo a linha de raciocínio das anciãs, a preservação da natureza, o não desmatamento, não incêndio na natureza, o plantio de pé de buriti nas nascentes, são recursos que custam pouco e que se pode fazer através da conscientização dos problemas atuais relacionados ao clima e ao desenvolvimento sustentável das comunidadesatualmente e garantir a existência das futuras gerações.

Sustentabilidade vem se tornando grande foco de discussão nos últimos anos devido aos problemas climáticos que se tornam cada vez mais comuns. Isso por causa da constante exploração de recursos ambientais finitos de suma importância para a sobrevivência da humanidade, podendo causar crises ambientais (IAQUINTO, 2018).

Aqui trazemos o livro lançado do Ailton Krenak “Ideias para Adiar o Fim do Mundo” (2020), em que se pontua a reciprocidade como uma forma de adiar o fim do mundo, pois é um chamado da visão de mundo dos povos originários, que tiveramas narrativas e resistências apagadas e silenciadas pelo tempo histórico, e que atualmente, são visões relevantes diante das questões ambientais e da ameaça à sobrevivência da humanidade e de sua diversidade na Terra.

Ao tratar da palavra desenvolvimento e sustentável como antagônicas, recorri ao vídeo de conversa entre Ailton Krenak e Eduardo Viveiro de Castros (2023), numa filmagem de nome Conversa na Rede, pois lá o Eduardo Viveiro de Castros fala que o sistema capitalista não vai acabar, o que vai acabar é a humanidade, porque o sistema ele olha o meio ambiente e já estuda o que pode ser monetizado, transformado em capital, o olhar é monetário, diferentemente dos povos originários, que ao olhar a natureza vê como uma mãe como a expressão Terra Mãe, no nosso caso do povo Boe Bororo, a gente chama de *boeetuiedagamage*, aquele que traz o nome, uma outra interpretação de um parente. Quem são eles? São os peixes com os seus traços, as aves com suas plumas, os animais com seus riscos, entrando no mundo espiritual, trazendo nomes de espíritos. A natureza quem nos dá o nome, logo é a nossa parente. Sendo parente a gente não vai querer nenhum mal a ela, por isso esse carinho especial com a natureza e esse sentimento de defesa.

Apresentamos algumas dimensões, uma delas a Dimensão Ambiental que tratava da preservação do meio ambiente de forma coletiva, aonde se percebe na entrevista com os membros da comunidade a preocupação em angariar recursos para desenvolver formação, capacitação de combate as queimadas, mas também há a preocupação com a questão econômica das mulheres, haja visto que, a fonte de renda é através do artesanato, olhar para outros ângulos que ofereçamalternativas econômicas na própria natureza, no nosso caso, no bioma cerrado. Outra a Dimensão Econômica através da própria natureza conseguir gerar renda, sem que prejudique a natureza, aqui trazemos o ponto de vista da entrevistada. Quanto a esta dimensão, é importante citar que historicamente o povo Boe Bororo de Meruri, foi contemplado via Funai nos anos 1980, com projetos de agricultura, na época na aldeia tinha máquina de bater arroz e até ensacar, tinha trator, colhedeira, contudo, houve uma época de declínio deste projeto, por isso, não se conseguiu prosseguir. Mas no campo de criação de gado durou mais tempo, até depois dos anos 2000, pois os homens já tinham contato com este tipo de criação, mas com o passar do tempo se perdeu a administração deste tipo de cultura.

Ao concluir estas reflexões que parte do campo teórico, vai para o teórico-prático através das entrevistas, notamos que é essencial esta relação da academia com a comunidade, estes encontros de conhecimentos científicos com osconhecimentos tradicionais do povo Boe Bororo de Meruri, tende a sensibilizar a sociedade Boe Bororo como as demais sociedades do entorno, a se comprometer com a natureza. É perceptível através das políticas ambientais essa preocupação com as atuais gerações e com as gerações vindouras, da mesma forma que o povo Boe Bororo de Meruri, sempre aponta para a reciprocidade, aqui coloco comoa palavra *mori*, um valor tradicional, que lembra o povos Boe Bororo de que é crucialo cuidado em preservar a natureza, e também buscar meios de se capacitar para ajudar com esse cuidado, inclusive da parte técnica. A conscientização usando as duas linguagens de conhecimento, é essencial para manter não só o povo Boe Bororo, quanto a natureza que é parte de sua família, de seu povo e de sua sociedade.

O povo Boe Bororo tem como sua essência a organização sócio ancestral, o que vem a ser, uma organização que vem desde os ancestrais, do qual consta das duas metades exogâmicas, e tem como forte relação a reciprocidade, que é de nome o *mori*, e esta relação vai além do meio social, para com o meio natural, no caso principal a natureza, e esta é uma parenta sua, como sendo parente o povo Boe Bororo tem enorme afeto e cuidado. Alinhando esta sabedoria tradicional, com esta preocupante ação ambientalista, vem desde tempos recentes, é crucial esta relação que a sociedade Boe Bororo tem, ela passe a ter com a academia, a fim de que ambas possam aprender um com a outra, assim alcançar um futuro de sustentabilidade concreta e consciente.

REFERÊNCIAS

ALBISETTI, C.; VENTURELLI, A. J. Enciclopédia Bororo. Vv. I, II, III e IV. Campo Grande: Editora UCDB, 1962, 1969, 1976 e 2003.

BOFF, Leonardo. Sustentabilidade: o que é – o que não é. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BRASIL. Lei nº 6.001, de 19 de dezembro de 1973. Estatuto dos Povos Indígenas.

FIORILLO, Celso Antonio Pacheco. Curso de direito ambiental brasileiro. 14. ed. São Paulo: Saraiva, 2013.

GALLOIS, Dominique T. Cultura "indígena" e sustentabilidade: alguns desafios. Revista Tellus, ano 5, n. 8/9, p. 29-36, abr./out. 2005, Campo Grande-MS.

IAQUINTO, B. O. A Sustentabilidade e suas Dimensões. Revista da ESMESC, v. 25, n. 31, p. 157–178, 2018.

INFOESCOLA. Economia do Mato Grosso. 2023. Disponível em: https://www.infoescola.com/mato-grosso/economia-do-mato-grosso/. Acesso em: 01 fev. 2023.

JACOBI, Pedro. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. Cadernos de Pesquisa: revista de estudos e pesquisa em educação (Fundação Carlos Chagas), n. 118, mar. 2003.

KRENAK, Ailton. Ideias para Adiar o Fim do Mundo. São Paulo: Cia das Letras, 2020.

MENDES, Jefferson Marcel Gross. Dimensões da Sustentabilidade. Revista das Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba – Inove. Curitiba, v. 7, n. 2, p. 49-59, 2009.

RICARDO, Fany (org.). Terras Indígenas & Unidades de Conservação da natureza: o desafio das sobreposições: Povos indígenas e "desenvolvimento sustentável". São Paulo: Instituto Socioambiental, 2004.

SACHS, Ignacy. Estratégias de transição para o Século XXI: desenvolvimento e meio ambiente. São Paulo, SP: Studio Nobel; Fundação do Desenvolvimento Administrativo, 1993.

SARTORI, Simone; LATRÔNICO, Fernanda; CAMPOS, Lucila M. S. Sustentabilidade e desenvolvimento sustentável: uma taxonomia no campo da literatura. 2012.

SCHRAMM, Alexandre Murilo; CORBETTA, Janiara Maldaner. Desenvolvimento sustentável e sustentabilidade: conceitos antagônicos ou compatíveis? In: SOUZA, Maria Cláudia da Silva Antunes de; ARMADA, Charles Alexandre. Sustentabilidade, meio ambiente e sociedade: reflexões e perspectivas [e-book]. Umuarama: Universidade Paranaense – UNIPAR, 2015.